



Cadernos

Terras Quentes

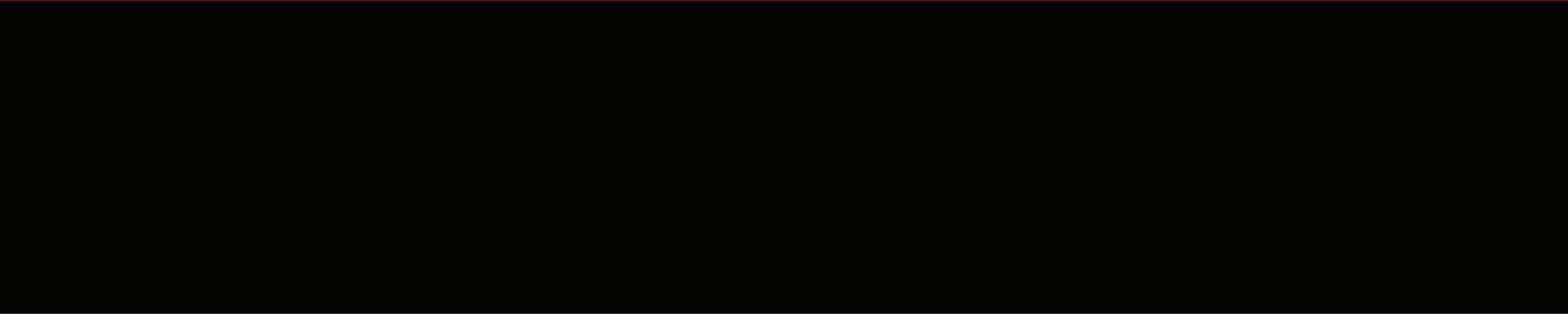
08
MAIO
2011



MARTIM GONÇALVES DE MACEDO

8 de Maio 1386/2011

625 Anos



Cadernos 08

Terras Quentes

Edição:

Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “Terras Quentes”

Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros



A Fraga dos Corvos

(Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 8 (2010)

1. LOGÍSTICA

A Campanha 8 (2010) neste arqueosítio decorreu entre 16 de Agosto e 5 de Setembro de 2010. Os trabalhos foram co-dirigidos pelos signatários e contaram com a participação de licenciados e alunos de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (cf. Anexo I) no âmbito do protocolo assinado entre a Uniarq, a Associação Terras Quentes e a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

Como em anteriores intervenções o suporte logístico (alojamento de participantes no complexo do Parque Natureza do Azibo, alimentação, transportes e equipamento de campo) esteve a cargo da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “TERRAS QUENTES”, com apoio financeiro da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

A continuidade de estudo arqueometalúrgico deste sítio enquadra-se ainda no âmbito do Projecto EarlyMetal (PTDC/HIS-ARQ/110442/2008) financiado pela FCT.

2. Localização e Caracterização Geográfica

A Fraga dos Corvos é um esporão rochoso situado na vertente noroeste da Serra de Bornes, freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. As suas coordenadas são 99 122,194 de Longitude e 203 403,721 de Latitude GAUSS, a 870,856m de Altitude (Fig. 1).

O cabeço possui domínio visual sobre a quase totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros nomeadamente sobre os solos férteis da mesma, e ainda sobre as portelas tradicionais de trânsito em direcção a nor-deste e noroeste (Abreiro, Carrapatas, Vale Benfeito e Vimioso), célebres pelos depósitos de alabardas aí encontrados (BÁRTHOLO, 1959).

O seu substrato é constituído, maioritariamente, por rochas metamórficas xistosas, com alguns filões de quartzo e grauvaque, conhecidas pela acidez que fornecem aos solos, reduzindo assim a possibilidade de preservação de matéria orgânica no registo arqueológico. Na região existem alguns afloramentos de talcoxisto, matéria-prima utilizada no sítio arqueológico para elaboração de artefactos de excepção. A região apresenta também algumas jazidas de minério que poderão ter abastecido a metalurgia incipiente do povoado, sobretudo no que diz respeito ao estanho, obtido com facilidade. Por outro lado, o cobre é bastante raro, apresentando-se fundamentalmente sob a forma de sulfuretos e carbonatos que, pela sua tonalidade esverdeada e brilhante, terão facilmente sido reconhecíveis para as comunidades pré-históricas.

Trata-se ainda de uma região com abundantes recursos hídricos numa complexa rede de afluentes dos rios Sabor e Azibo e de várias ribeiras. Na vertente noroeste da Serra de Bornes, limitando o cabeço a poente e nascente destacam-se os vales relativamente profundos de duas pequenas ribeiras, respectivamente a de Vale de Nogueira e a Ribeirinha, constituindo as duas fontes mais próximas de água para o sítio arqueológico.

As espécies vegetais naturais desta região são, maioritariamente, o *Quercus pyrenaica wild* (carvalho negral) e *Quercus ilex L. ssp. Rotundifolia* (Lam.) (azinheira). Numa aproximação paleoambiental realizada a partir de carvões recuperados em vários sítios arqueológicos, foram identificadas distintas espécies vegetais. Entre as quais elementos vegetais com características do clima mediterrânico, como o sobreiro, a azinheira, o carvalho cerquinho, o zimbro e o medronheiro, e também típicas de clima atlântico, como o carvalho alvarinho, o pinheiro bravo e a vegetação frequente em zonas de vale ou margens de cursos de água, como o freixo, o amieiro, o salgueiro e a aveleira (Figueiral et. al. 1998-1999).

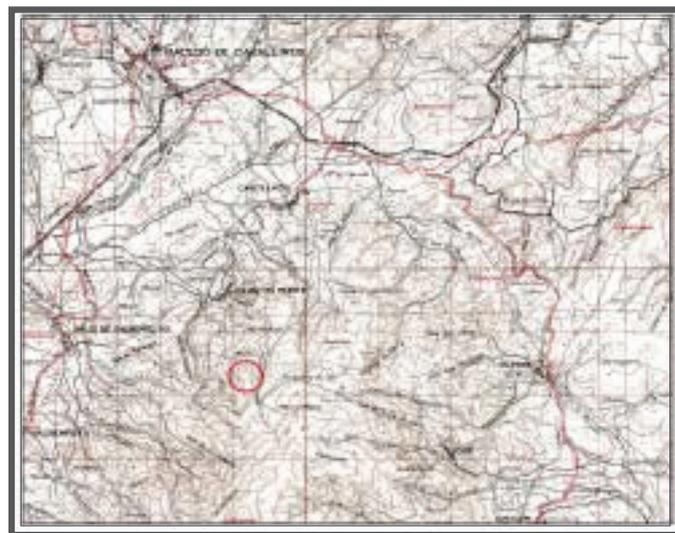


Fig. 1 - Localização da Fraga dos Corvos na Península Ibérica e na folha 78 da CMP 1/25000.

¹ Professor Associado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Centro de Arqueologia (Uniarq) e Instituto «Alexandre Herculano» de Estudos Regionais e do Municipalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Cidade Universitária, Campo Grande, 1600-214 LISBOA. smartinez@iol.pt

² Licenciada em Arqueologia e História pela F.L.U.L., Mestranda em Arqueologia, F.L.U.L. elsavluis@gmail.com

3. Antecedentes da intervenção de 2010

O habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos foi descoberto em 2003 em resultado de trabalhos de desmatção que o puseram em perigo e que justificaram uma primeira intervenção (Senna-Martinez, Ventura & Carvalho, 2004).

O espaço em que tem vindo a ser possível identificar estruturas correspondentes a esta etapa de ocupação constitui uma plataforma em declive suave, correspondente à parte noroeste do topo do cabeço, enquadrada a ocidente pela escarpa e a oriente por afloramentos que a separam do estradão que atravessa o “Monte do Vilar”, formando a área que designámos como Sector A.

Ao fim da sétima campanha (2009) o Sector A deste arqueosítio era caracterizável como um povoado de 19 cabanas sub-circulares ou elipsoidais, distribuídas por 3 fases de ocupação e ainda um conjunto de camadas e estruturas pétreas e negativas ao longo de 5 fases de ocupação seguras.

As cabanas identificadas apresentam diferentes diâmetros, podendo ser agrupadas em 2 grandes conjuntos. O primeiro (Cabanas 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10 e 12) apresenta cerca de três metros de diâmetro, sendo as cabanas delimitadas por 13 a 14 buracos de poste perimetrais e um central, de maior diâmetro; o segundo engloba as de tipo elipsoidal (Cabanas 4 e 5), portanto maiores, como é o caso da Cabana 4, com eixos de 4m por 3,2m, delimitada por 20 buracos de poste perimetrais, apresentando também um central, equivalente aos das demais cabanas, e o da Cabana 5, aparentemente a maior de todas, com eixos de 4,6m por 4,3m e limitada por 21 buracos de poste perimetrais e seis interiores, apenas foi totalmente definida na campanha de 2006.

Na campanha de 2009, procedeu-se a um alargamento da Sondagem para 93m², para os quadrados G/H/I/J/7/8/9/10 e G/11/12/13/14, permitindo um estabelecimento mais ajustado do faseamento inicialmente proposto. Não tendo sido identificada qualquer estrutura nesta nova área associada à Fase 1, procedeu-se à escavação da U.E. [109], correspondente à Fase 2, na qual se puderam reconhecer os restantes buracos de poste da Cabana 10, configurando assim um espaço elíptico com aproximadamente 3,5m de comprimento N/S por 2,5m de largura W/E. Além desta estrutura habitacional foram postas a descoberto, parcialmente, duas novas Cabanas associadas à fase 2 (U.E. [109]): as cabanas 16 e 17. A primeira destas foi definida por um arco de 6 buracos de poste e um central, enquanto a segunda apresenta um arco de 4 buracos de poste.

Relativamente à fase 3, que corresponde às U.E. [151=280], foi terminada a identificação dos restantes buracos de poste associados à Cabana 13, apresentado assim uma planta elíptica de 3 m no sentido N/S e 2,5m no sentido E/W, delimitada por 17 buracos de poste. Foram igualmente identificadas duas novas estruturas habitacionais, as cabanas 18 e 19. A estrutura 18 apresentava um arco elíptico de 16 buracos de poste perimetrais e um central, enquanto a estrutura 19 apresentava um arco de apenas 3 buracos de poste, localizados no limite sudoeste da área aberta nessa campanha.

No que diz respeito à fase 4, associada à U.E. [287], apresenta algumas estruturas negativas como 8 buracos de poste, não relacionáveis entre si, e uma fossa não muito profunda [579] situada nos quadrados G13/14. O número restrito de estrutu-

ras negativas identificadas e a sua dispersão não permite tecer grandes considerações contextuais, para além do facto de esta camada se apresentar restringida ao lado ocidental da área aberta e de ser de muito pouca espessa no limite oriental dificultando a definição precisa da respectiva extensão. Aumenta para oriente mas raramente ultrapassando os 2 cm.

Sob a U.E. [287], surge então a U.E. [152], correspondendo à fase 5, na qual foram identificadas algumas estruturas. Em primeiro lugar é a este nível que se detecta uma zona de barro cozido, U.E. [437], configurando um fundo de lareira, com cerca de 80 cm no sentido W/E por 60 cm no sentido N/S. Adjacente a esta lareira foi localizada uma fossa, U.E. [590], com cerca de 90cm no sentido N/S por 45cm no sentido W/E, composta por uma sequência de 2 preenchimentos distintos, U.E. [589] e [591]. No ângulo noroeste da Sondagem, em G13, verificou-se a existência de uma estrutura empedrada, U.E. [581], limitada a oriente por uma laje de xisto colocada em cutelo.

Sob a U.E. [152], nos quadrados HIJK11/13, foram identificadas várias estruturas pétreas numa matriz de terras muito compactas, U.E. [492], aparentemente constituindo fundos de lareiras, pequenos arcos pétreos e buracos de poste estruturados: U.E.s [490, 491, 486, 487, 488]. Estas últimas apenas se encontram definidas e não escavadas.

Por último, em KL8/9, sob a U.E. [152], foi identificada a U.E. [467], que, pela sua constituição compacta, aparenta constituir um piso de utilização. Os limites desta unidade, para Este, ainda se encontram por definir.

A Fase 6 identificada neste espaço corresponderá à Cabana 1, cujo solo, U. E. [157], ainda não foi desmontado.

4. A Campanha 8 (2010)

4.1. A estratigrafia

A intervenção de 2010 teve como objectivos a continuação da escavação na área Este da sondagem, nomeadamente nos quadrados J7 a J11 e G7 a G11, para compreender a sequência estratigráfica nesta área e sobretudo a relação da fossa e lareira (U.E. [590] e [437]) anteriormente identificadas com a estratigrafia envolvente. Paralelamente abriu-se uma nova fila de quadrados, a Este, com a letra F, perfazendo mais 8 quadrados (F7-F14). A área de escavação atinge assim 101m².

A abertura desta nova fila de quadrados permitiu a identificação das unidades [109], [151], [287] e [152], já conhecidas de campanhas anteriores.

Após a remoção da U. E. [0], pode-se continuar a escavação da U.E. [109] na nova área aberta, não tendo sido identificados novos buracos de poste. Nos quadrados F12 e F13 a unidade apresentava-se com algumas perturbações, sob a forma de pequenas depressões com cerca de 8 cm (Fig. 2).

De seguida, iniciou-se o registo (Fig. 3) e remoção da U.E. [151], na qual apenas foi identificado um buraco de poste [603/604] não sendo possível atribuí-lo a qualquer unidade doméstica. Na área Nordeste, esta unidade foi cortada pela fossa [605/606], fazendo parte de uma sequência de perturbações naturais abaixo detalhadamente descritas.

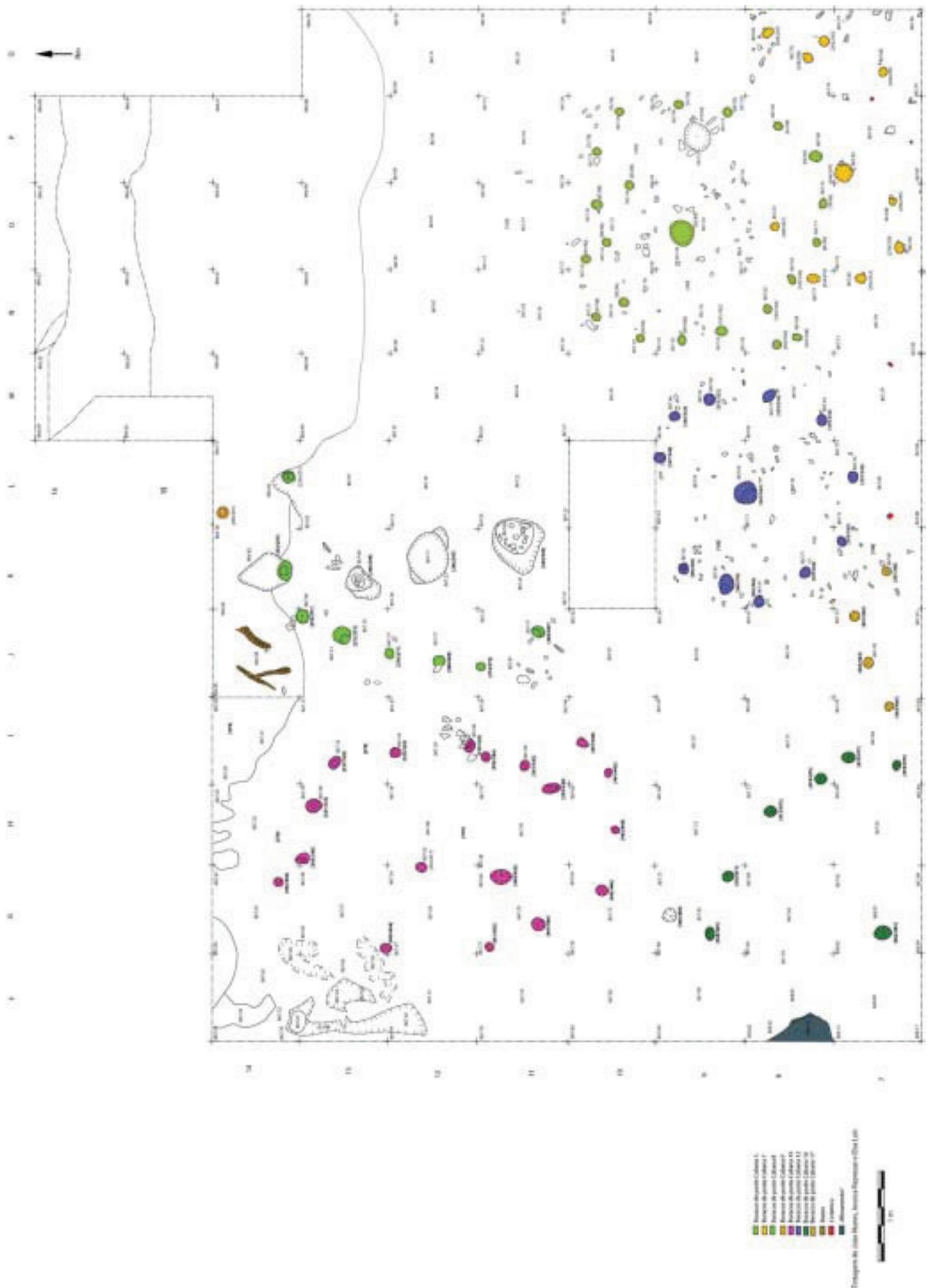


Fig. 2 - Planta de interface superior da UE.109 com as estruturas negativas nela incluídas.

No quadrado F7, abaixo da U.E. [151] e a cortar a U.E. [287], encontrava-se uma fossa de perturbação natural [607/608], de tendência ovalada, preenchida por terras soltas cinzentas muito escuras (7.5 YR 3/2) e por raízes abundantes de média dimensão (Fig. 4).

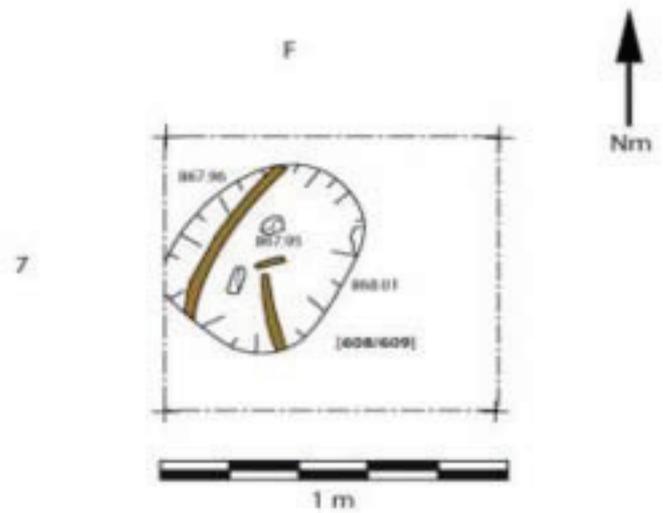


Fig. 4 - Planta da UE.607/608.

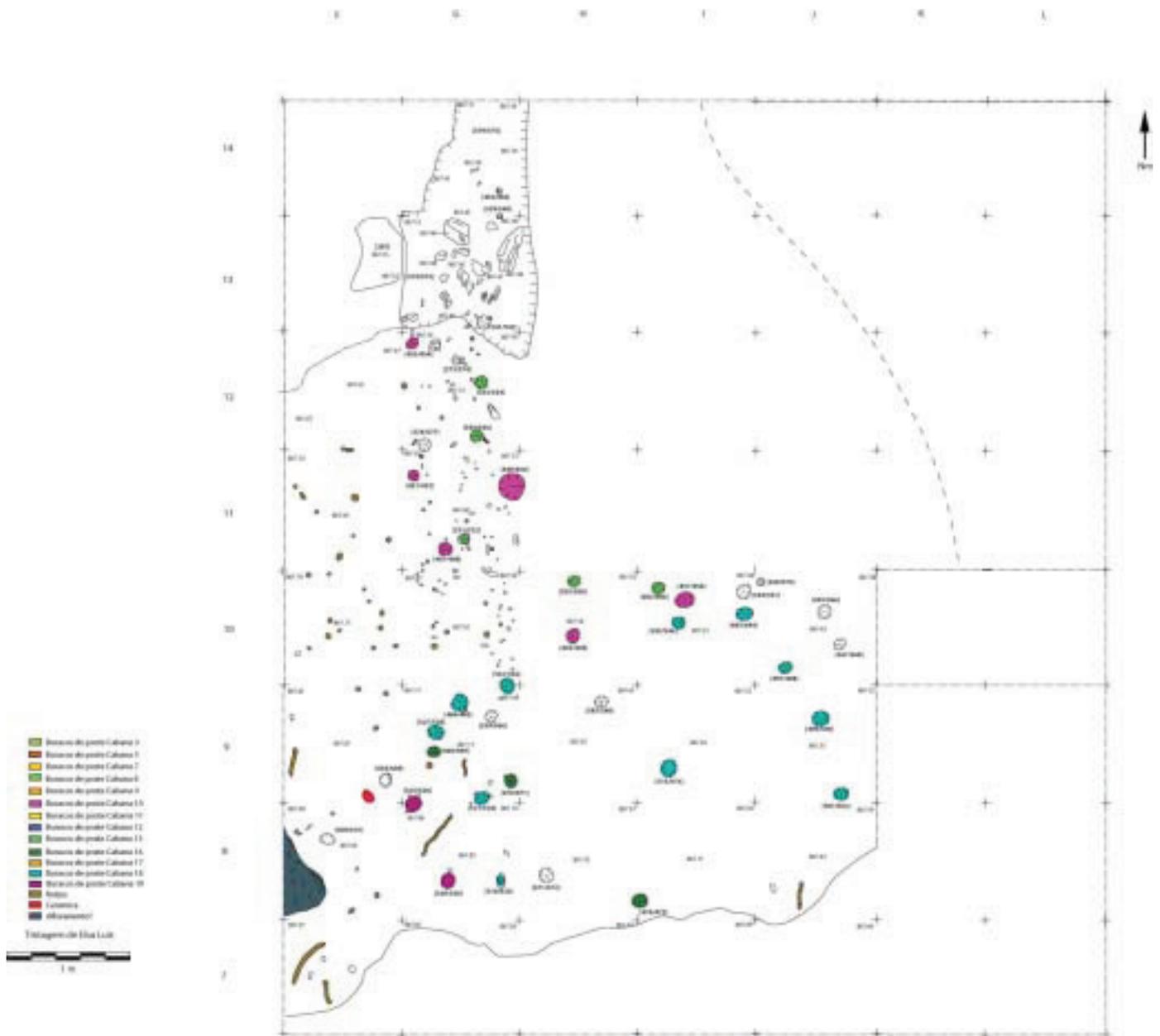


Fig. 5 - Planta de interface superior da UE.287 com as estruturas negativas nela incluídas.

No quadrado F7, abaixo da [152] foi identificada uma pequena camada [615] disforme composta por terras argilosas soltas castanho amareladas escuras (10 YR 3/4), com bastantes raízes pequenas e vários nódulos de cerâmica de revestimento.

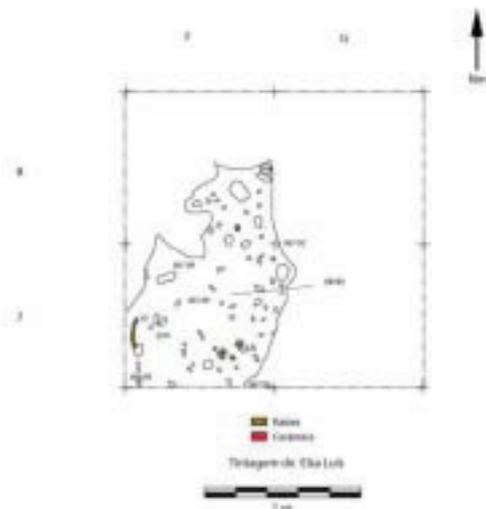


Fig. 7 - Planta da UE.615.

Nos quadrados F8 e F9, abaixo da [152] foi identificada uma outra pequena camada [616] composta por terras argilosas compactas castanho amareladas escuras (10 YR 3/4), que surge conservada apenas numa área reduzida entre pedras que já deverá pertencer ao empedrado de base [582]. Esta camada poderá equivaler, ainda que em descontinuidade, à U.E. [615].

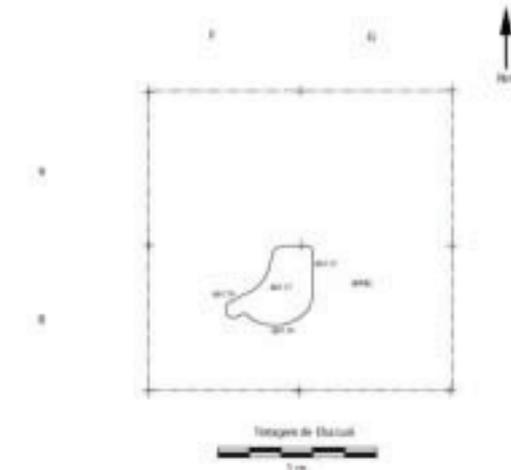


Fig. 8 - Planta da UE.616.

Abaixo da U.E. [152], ainda na campanha anterior foi identificada uma nova unidade estratigráfica, a U.E. [467], que se apresenta como uma camada de terras argilosas muito compactas castanho claras (10 YR 4/4), identificada numa área relativamente extensa da Sondagem 2: abrange genericamente os quadrados L7-9; K7-9; J8-10; I8-10; H8-10 e G9-10. Pela consis-

tência extremamente dura desta camada, e pela sua localização circunscrita envolvendo uma base de lareira e uma fossa, foi interpretada como tendo sido um piso de utilização. Nesta campanha foram identificados os seus limites finais, excepto na zona norte, área algo perturbada pelas raízes da árvore sita em KL-10.

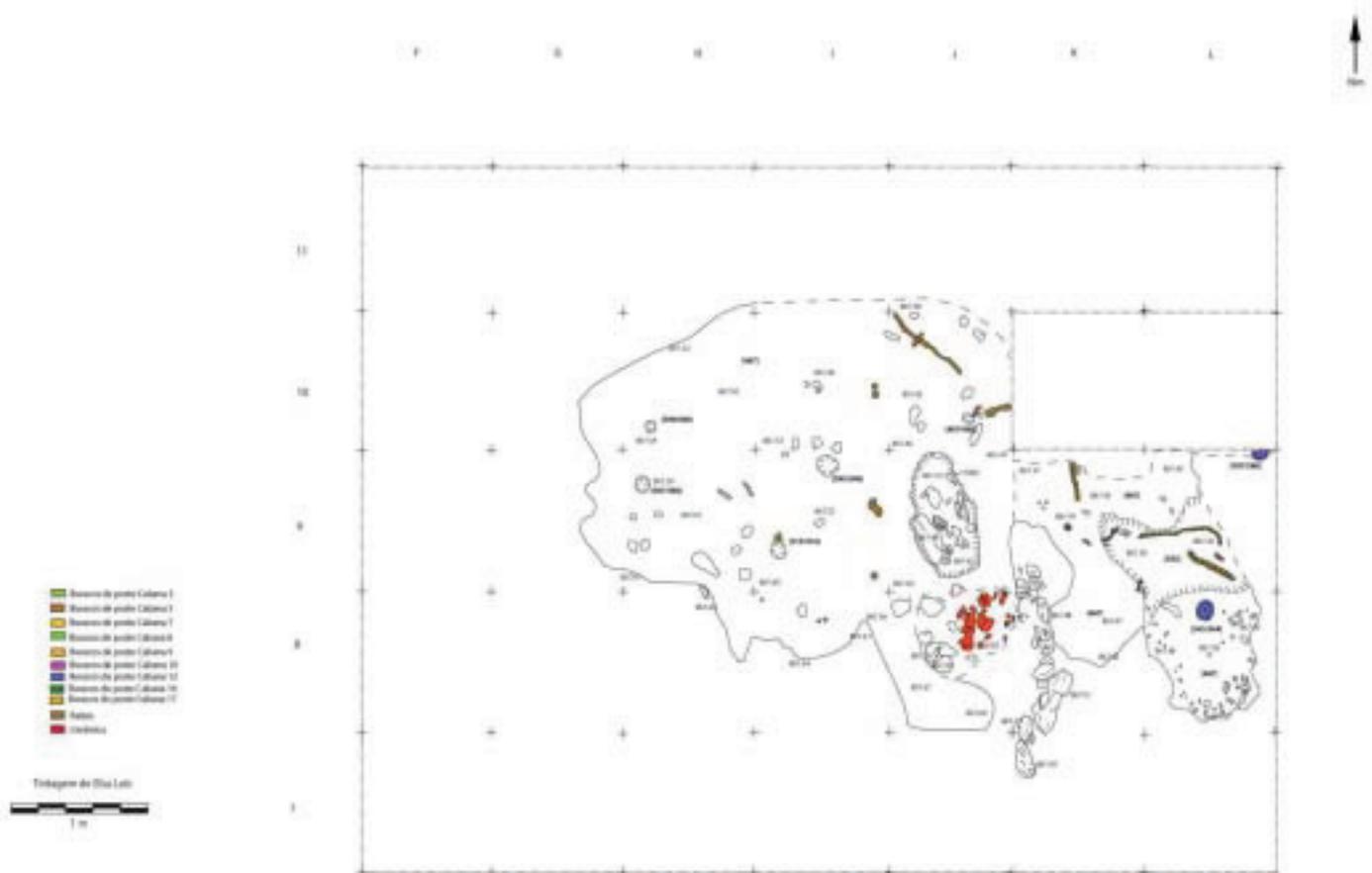


Fig. 9 - Planta de interface superior da UE.467 com as estruturas negativas nela incluídas.



Fig. 10 - A UE.467 delimitada e com as estruturas negativas nela contidas escavadas.

Abaixo da U.E. [467], foi identificada uma camada de terras castanho amareladas escuras (10 YR 4/4), menos compactas que a anterior, U.E. [623], contendo abundante pedra miúda e de média dimensão e concentrações de olaria quebrada *in situ* [3175 a e b].

Estas duas últimas unidades estratigráficas ainda não foram totalmente escavadas.



Fig. 11 - UE.623 concentrações de olaria quebrada *in situ* [3175 a e b].

Em aparente continuidade com a anterior está uma estrutura pétreia [624], sub-circular de com blocos de grande dimensão, colocados de forma irregular na horizontal, oblíqua e em cutelo (Fig.12) . Entre estes blocos existem algumas depressões com terras soltas escuras, com raízes e cerâmica. Este pequeno “muro”, ou “murete”, parece ter sido colocado de forma estratégica para ter uma função de contenção de escoamento de águas das chuvas provenientes do afloramento rochoso situado na zona nordeste da plataforma.

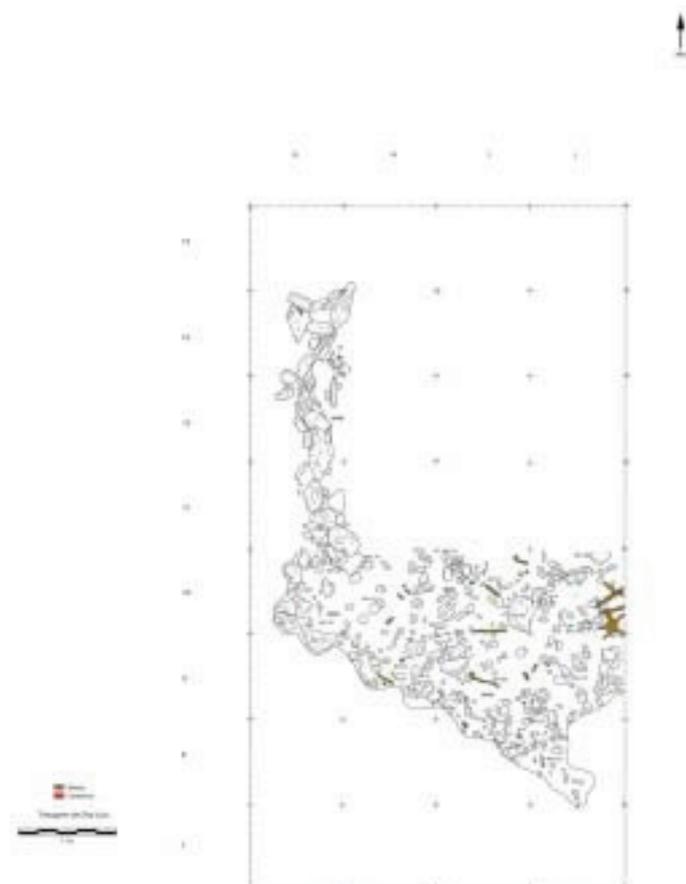


Fig. 12 - Planta de interface superior das UEs.623/624 com as estruturas negativas nela incluídas.

Por último, na zona Sudeste da área escavada e sob a U.E. [152] e, numa parte, sob a U.E. [467], foi identificada a continuação da U. E. [582], composto pelo empedrado de base, ou seja, blocos pétreos de pequena e média dimensão dispostos de

uma forma não organizada, de forma relativamente homogénea por toda a área da U.E., podendo ser interpretado como a desagregação do afloramento rochoso (Fig. 13).

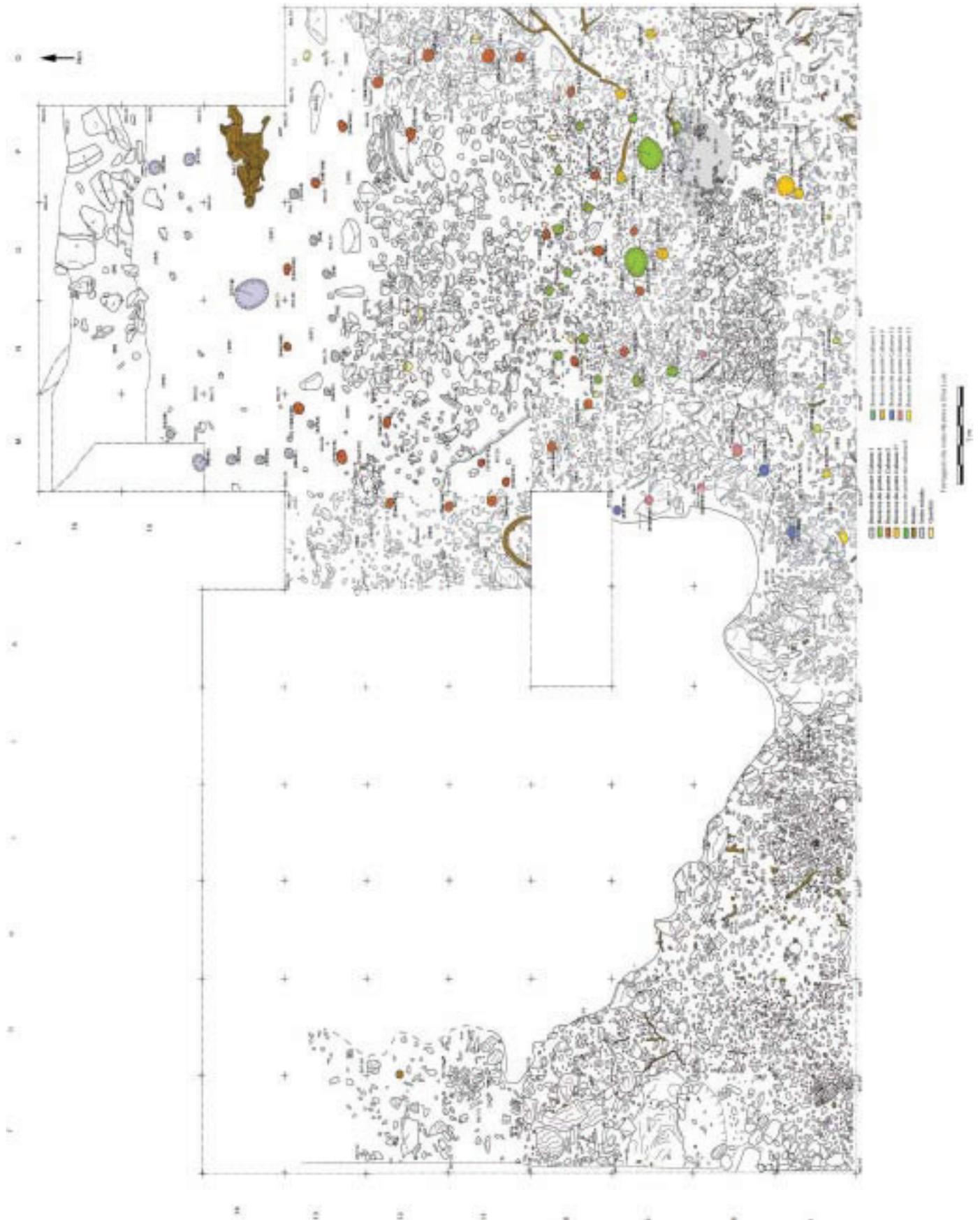


Fig. 13 - Planta de interface superior da UE.582 com as estruturas negativas nela incluídas.

No canto nordeste da área escavada, sobretudo nos quadros F10 a F14, foi identificada toda uma sequência de fossas de perturbação natural.

De facto, estes quadros encontram-se muito próximos do afloramento rochoso de base visível à superfície, local preferencial de escoamento de águas provenientes das chuvas que circulam dos pontos mais altos do afloramento até à actual área de escavação. Neste sentido, a infiltração de águas propiciará a formação de raízes de média dimensão, de formação subterrânea que afectaram o solo arqueológico nesta área. Assim, foram identificadas várias fossas e camadas estratigráficas sequenciais apresentando todas elas características completamente diferentes dos restantes níveis arqueológicos preservados, tais como terras muito escuras (castanho acinzentado muito escuro e cinzento muito escuro), húmidas e muito orgânicas, associadas na maioria dos casos a raízes de pequena e média dimensão e ainda a uma raiz bastante grande, com cerca de 15 centímetros de diâmetro com várias ramificações. Entre estas fossas e camadas puderam identificar-se não mais que pequenas ilhas de solo arqueológico conservado.

A matriz de Harris apresentada na figura 14 representa a sequência estratigráfica desta área.

Imediatamente abaixo da U.E. [0] foi identificada a fossa [593], disforme, com cerca de 1,47m por 0,68m de diâmetro e 0,23 m de profundidade. O seu enchimento [594] é composto por terras pouco compactas, castanhas acinzentadas (10 YR 3/2 castanho acinzentado muito escuro), com poucas pedras. Continha várias raízes que tornavam o sedimento circundante húmido e solto. Apenas continha dois artefactos líticos, um denticulado e uma lasca.

Após a remoção do que restava da U.E. [109] foi identificada uma nova fossa [605] que corta a U.E. [151], com cerca de 1,30 m por 1m de diâmetro e cerca de 0,10 m de profundidade. O seu enchimento [606] é constituído por terras soltas escuras (10 YR 3/2 castanho acinzentado muito escuro), por raízes de média dimensão e uma raiz de grande dimensão com cerca de 0,15m de diâmetro e várias ramificações. Esta fossa continha alguns artefactos arqueológicos, tais como um artefacto de talcoxisto, um fragmento de cadinho, uma lamela e um bordo com fragmento de mamilo.

Após a remoção do que restava da U.E. [151] foi identificada uma nova fossa disforme [611], bastante extensa, que corta a U.E. [287] e a U.E. [617], com cerca de 2,50 m de comprimento e 1m de largura e cerca de 0,15 m de profundidade. O seu enchimento [612] é constituído por terras soltas escuras (10 YR 3/2 castanho acinzentado muito escuro) com muita matéria orgânica e por raízes de média dimensão. De todas as unidades desta área,

a U.E. [612] é a que apresenta maior quantidade de artefactos, tais como 5 bordos, um fragmento de caldeiro, um fragmento de dormente, um bojo decorado, um possível fragmento de cadinho, um terminal de torques (Fig. 18 – FCORV-A 3009) e ainda um pedaço de metal.



Fig. 18 - FCORV-A 3009. Terminal de torques (bronze?) recolhido nas terras remexidas da UE.612.

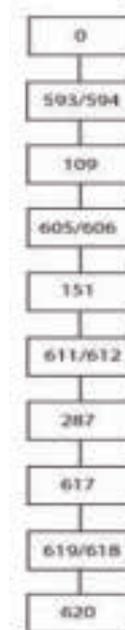


Fig. 14 - Matriz de Harris das unidades correspondentes aos remeximentos detectados no ângulo noroeste da área escavada.

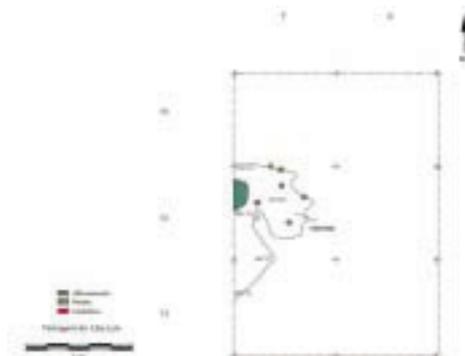


Fig. 15 - Planta das UEs.593/594.

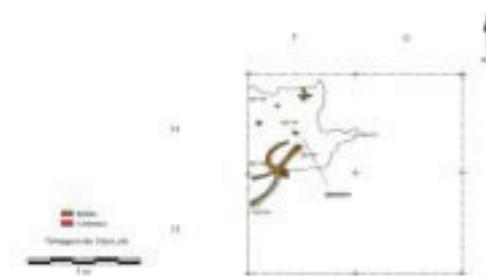


Fig. 16 - Planta das UEs.605/606.



Fig. 17 - Planta das UEs.611/612.

Imediatamente abaixo da fina camada que resta aqui da U.E. [287] foi identificada uma nova camada [617], com cerca de 2 m de comprimento por 1,30m de largura e cerca de 0,10 m de profundidade. É constituída por terras compactas escuras (10 YR 3/1 cinzento muito escuro), por raízes de média dimensão e pouca pedra miúda. Esta camada apenas continha um fragmento indeterminado de metal, uma fíbula de tipo Bencarrón/Carmona (Fig. 20), e um bojo com perfuração.

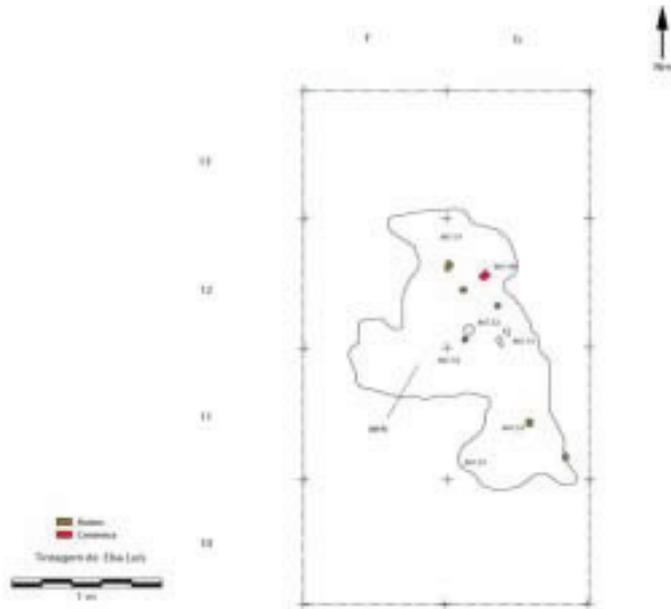


Fig. 19 - Planta das UEs.617.



Fig. 20 - Fíbula (de tipo Bencarrón ou Carmona?) recolhida nas terras remexidas da UE.617.

Removida a U.E. [617], foi identificada uma nova fossa irregular [619], com cerca de 2,17 m de diâmetro e 0,12m de profundidade. O seu enchimento [618] era composto por terras semi compactas castanho azeitona escuras (10 YR 3/3), com presença de raízes médias e alguma pedra miúda.

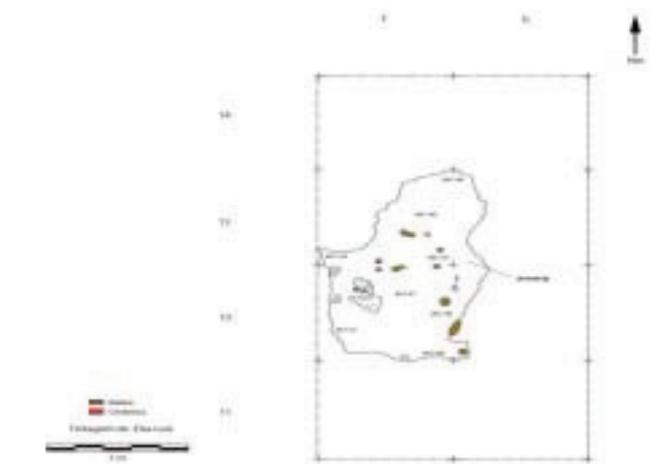


Fig. 21 - Planta das UEs.619/618.

A fossa [619/618] cortava a camada [620], esta última composta por terras compactas castanho amareladas escuras (10 YR 4/4), com presença de pequenas raízes e algumas pedras de pequeno tamanho. Em termos de artefactos arqueológicos são de destacar um fragmento de chapa com rebite, em metal; um terminal de torques (Fig. 23 – FCORV-A 3091); uma base e dois bordos.

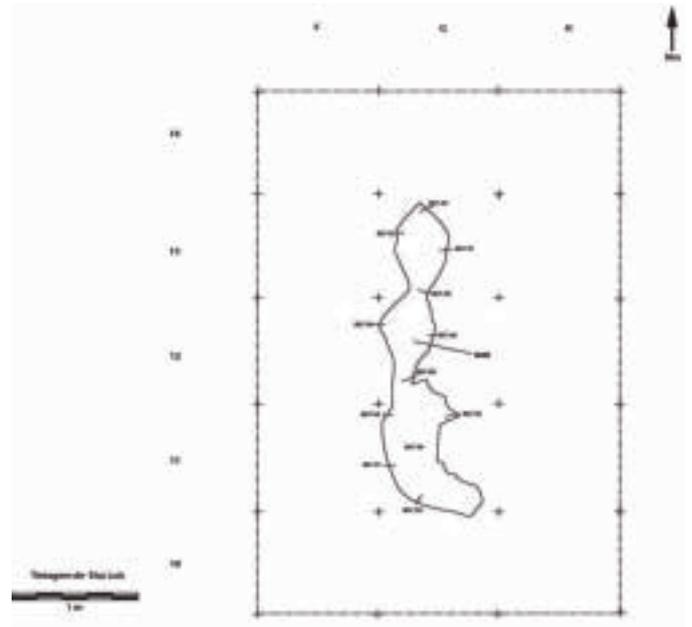


Fig. 22 - Planta da UE.620.



Fig. 23 FCORV-A 3091. Terminal de torques (bronze?) recolhido nas terras remexidas da UE.620.

Abaixo da U.E. [620] encontra-se definida a U.E. [582], que ainda se encontra por escavar, aguardando intervenção na próxima campanha.

4.2 Faseamento e interpretação

Atendendo à evidência estratigráfica exposta, podemos afirmar com segurança o faseamento proposto nas campanhas anteriores. De referir que a numeração das fases de ocupação da Fraga dos Corvos segue uma lógica inversa ao que é habitual, ou seja, a fase 1 corresponde à fase de ocupação mais recente do sítio, enquanto as fases 5 e 6 serão das fases mais

antigas. Esta numeração foi assim atribuída por uma simples razão, a de que o sítio ainda não se encontra totalmente escavado, pelo que não podemos ainda assertivamente afirmar quantas fases de ocupação o sítio terá conservado.

Assim, e sintetizando, a primeira fase de ocupação apenas apresenta a parte inferior dos buracos de poste pertencentes ao que designámos de Cabana 7, não exibindo qualquer camada ou piso de ocupação associado.

A segunda fase de ocupação corresponde, genericamente, à U.E. [109=278] integrando as respectivas estruturas habitacionais e de fossa que cortam esta camada (Cabanas 3, 8, 10, 12, 16 e 17, fossas [73/74; 244/245; 246/247; 593/594]).

A terceira fase de ocupação corresponde, grosso modo, à U.E. [151=280] integrando as respectivas estruturas habitacionais e de fossa que cortam esta camada (Cabanas 5, 9, 11, 13, 18 e 19, fossas [538/539; 605/606]).

A quarta fase de ocupação corresponde, genericamente, à U.E. [287], integrando apenas alguns buracos de poste não relacionáveis entre si, portanto não fornecendo a possibilidade de identificação de uma estrutura habitacional coerente, e uma fossa [579/575] e ainda outra fossa de clara perturbação natural [611/612].

A quinta fase de ocupação corresponde, grosso modo, à U.E. [152], que integra apenas alguns buracos de poste não relacionáveis entre si, portanto não fornecendo a possibilidade de identificação de uma estrutura habitacional coerente. É ainda a este nível que se detecta a lareira [437] e a fossa [590], não sendo clara a contemporaneidade entre a sua utilização e esta unidade estratigráfica.

Abaixo da U.E. [152] estão a tornar-se visíveis várias realidades distintas que ainda não pudemos integrar numa visão estruturada e sequencial, na medida em que a maioria destas realidades ainda não foi escavada. Se na área Este da Sondagem se sucedem as camadas [467], [623], [624] e [582], ainda não se afigura claro a sua relação com as estruturas identificadas na área norte da Sondagem, nomeadamente as estruturas [490, 491, 486, 487 e 488]. E, resta ainda averiguar a relação destas últimas realidades com a U.E. [157] que constituiu o piso de ocupação da Cabana 1.

Serão portanto, estas as questões que nortearão parte da Campanha 9 de 2011.

4.3 Os materiais e Integração crono-cultural

O ambiente cultural documentado na escavação das Fases 2, 3, 4 e 5, únicas com materiais associados até à data, caracteriza-se por produções cerâmicas que, para além das formas correntes, apresentam recipientes com decorações de “tradição Campaniforme”, impressas a pente, juntamente com taças de “tipo Cogeces ou Protocogotas” que por vezes combinam decorações, conjugando estilos, pontilhadas geométricas e impressas a punção ocasionalmente com preenchimento a pasta branca.

A indústria lítica talhada, incide sobretudo em quartzo e xisto anfibólico e engloba elementos de foice denticulados, pontas de projectil, furadores e raspadores.

A fauna, representada pelos restos osteológicos recuperados nas Cabanas 5 e 9 em ambiente da Fase 3, engloba *Bos taurus*, *Ovis/Capra*, *Cervus elaphus* e *Sus sp.* (porco ou javali, mais provavelmente o segundo). Com claro predomínio das espécies domésticas sobre as selvagens, mesmo atribuindo a totalidade dos restos de *Sus* ao javali.

Quadro I
Restos de Fauna identificados¹

Cabana 5		Cabana 9	
Género / Espécie	Nº	Género / Espécie	Nº
<i>Ovis / Capra</i>	3	<i>Ovis / Capra</i>	2
<i>Bos Taurus</i>	4	<i>Bos Taurus</i>	1
<i>Sus sp.</i>	2	<i>Sus sp.</i>	1
		<i>Cervus Elaphus</i>	1

Sem que a quantidade de restos recolhidos permita ir muito mais longe, parece-nos contudo de salientar que estes dados podem ser paralelizados com os obtidos para as faunas da ocupação da 1ª Idade do Bronze do Buraco da Moura de S. Romão (Cardoso, Senna-Martinez e Valera, 1995 e 1995/1996).

A associação de olaria decorada de tradição campaniforme, até à data identificada em todas as fases, juntamente com formas e decorações típicas do “Mundo Cogeces” constitui um argumento poderoso para enquadrar este povoado num momento relativamente antigo da Primeira Idade do Bronze, eventualmente no segundo quartel do segundo milénio a.C.

À evidência contextual disponível, que nos permite considerar a Cabana 4 e o Alpendre anexo – uma vez confirmados, para os restantes elementos metálicos descobertos, os resultados analíticos obtidos para o primeiro pingão de fundição recuperado em 2004 – como uma área de fundição de bronze (“melting” – Senna-Martinez, *et al.* 2010), somam-se agora as evidências recuperadas para a Fase 3 que nos fazem suspeitar de que além da fundição talvez possa encarar-se que também a redução de minérios de cobre e estanho (“smelting”) possa aí ter tido lugar.

Assim, a ser correcta a nossa proposta de cronologia, estaremos em presença de um dos mais antigos povoados com evidência de produção de bronzes conhecidos no território português e, eventualmente, peninsular.

O que este local nos documenta, pela própria modéstia dos dados disponíveis, é uma produção que pode interpretar-se como de “tipo doméstico” e em pequena escala (Senna-Martinez, *et al.* 2007).

Por outro lado, toda a área nordeste, composta por sucessão de fossas e camadas de remeximento por agentes naturais, forneceu um conjunto metálico totalmente diferente do que foi identificado para os níveis de Primeira Idade do Bronze. De facto, o fragmento de caldeiro, o fragmento de chapa com rebites e, sobretudo, os dois terminais de torques e a fíbula remetem claramente para um ambiente cultural de Bronze Final. Atendendo à datação do tipo de fíbulas Bencarrón/Carmona,

¹ Agradecemos aos colegas Dr. Manuel Cardoso e Prof. Doutor João Luís Cardoso a determinação destes restos de fauna. Encontra-se em preparação a publicação respectiva.

estes materiais poderão situar-se genericamente nos séculos VII/VI (Ponte, 2006).

Esperamos, desta forma, que a continuidade de estudo deste arqueosítio nos permita enquadrar o mundo dos depósitos da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental já não só como achados avulsos de conjuntos metálicos mas também como parte de um todo social caracterizado multidimensionalmente.

Por último o começo, programado para 2011, da escavação do Sector M, pensamos que poderá permitir caracterizar em contextos primários a ocupação deste sítio correspondente ao Bronze Final e enquadrar com maior rigor as descobertas de materiais metálicos atribuíveis a esta etapa, que têm tido lugar em contextos de remeximento no Abrigo 2 e Sector A.

Bibliografia

- AAVV, (1995) – A Idade do Bronze em Portugal, Lisboa, *Secre-ta-ria de Estado da Cul-tura, Instituto Português de Museus*
- BÁRTHOLO, M.L. (1959.) “Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança”, in: *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, Vol. I, pp.431-39*
- CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J. C. & VALERA, A. C., (1995) - “Um indicador económico para o Bronze Pleno da Beira Alta: A fauna de grandes mamíferos da Unidade Estratigráfica 4 da ‘Sala 20’ do Buraco da Moura de S. Romão (Concelho de Seia)”, in: *Actas do III Encontro do Quaternário Ibérico, Coimbra, pp. 457-460*
- CARDOSO, J. L.; SENNA-MARTINEZ, J. C. & VALERA, A. C., (1995/96) - “Aspectos da Economia Alimentar do Bronze Pleno da Beira Alta: A fauna de grandes mamíferos das «Salas 2 e 20» do Buraco da Moura de S. Romão (Seia)”, in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM, 3/4, Lisboa, Colibri, p.253-261.*
- CARVALHO, A.F. (2004) – “O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)”, in: *Revista Portuguesa de Arqueologia, 7(1), pp.185-219*
- CASTRO MARTÍNEZ, P. V.; LULL, V. & MICÓ, R. (1996) – Cronología de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica y Baleares (c. 2800-900 cal ANE), *Oxford, TEMPVS REPARATVM, «BAR International Series», 652*
- FIGUEIRAL, I.; SANCHES, M.J. (1998-1999) – A contribuição da antracologia no estudo dos recursos florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-história Recente. *Portugália, Nova Série, XIX-XX, p. 71-95.*
- GEIRINHAS, F.; GASPAS, M.; SENNA-MARTINEZ, J.C.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F.; SILVA, R.J.C (no prelo) - *Copper isotopes on artifacts from Fraga dos Corvos First Bronze Age habitat site and nearby Cu occurrences: an approach on metal provenance. V Symposium Internacional «Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo», León (España), 19-21 June 2008*
- PONTE, S. (2006) - *Corpus Signorum-das Fíbulas Proto-históricas e Romanas de Portugal. Caleidoscópio.*
- SENNAMARTINEZ, J.C. (2002) – “Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX”, in: *Arqueologia 2000: Balanço de um século de Arqueologia em Portugal, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.103-124*
- SENNAMARTINEZ, J.C. (2007) – “Aspectos e problemas das origens e desenvolvimento da metalurgia do bronze na Fachada Atlântica Peninsular”, in: *Estudos Arqueológicos de Oeiras, 15, Oeiras, Câmara Municipal, p.119-134*
- SENNAMARTINEZ, J. C. e Luís, E. (2009) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008)”. In: *Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 6, p.69-79.*
- SENNAMARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – “A Fraga dos Corvos : Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros”, in: *Cadernos «Terras Quentes», 1, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.32-58*
- SENNAMARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – “A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat do “Mundo Carrapatas” da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental”, in: *Cadernos «Terras Quentes», 2, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.61-81*
- SENNAMARTINEZ, J.C. et alii. (2006) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005). *Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 3, pp.61-85*
- SENNAMARTINEZ, J. C. et alii. (2007) – “Bronze Melting and Symbolic of Power: The Foundry Area of Fraga dos Corvos Bronze Age Habitat Site (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal)”. In: *Proceedings of the 2nd International Conference “Archaeometallurgy in Europe”. Aquileia, Italy, 17-21 June 2007*
- SENNAMARTINEZ, J. C. et alii. (2010) – “«Melting the Power» – The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal)”. In: A. M. S. BETTENCOURT, M. J. SANCHES, L. B. ALVES e R. FÁBREGAS VALCARCE (Eds.) *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe. BAR International Series 2058. Oxford. Archaeopress. p.111-117.*